

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

## O POTENCIAL DA LITERATURA PARA A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

Sabrina Meirelles Macedo <sup>1</sup>

Pâmela Saraiva Miranda <sup>2</sup>

Narjara Mendes Garcia <sup>3</sup>

### RESUMO

A presente escrita visa apresentar uma reflexão que verse entre os temas de Educação Ambiental, História e Literatura, objetivando a proposição para o desenvolvimento de trabalhos que articulem a sensibilidade entre os seres humanos e a criticidade. A partir de fatos históricos propomos pensar a literatura a partir de sua dimensão estética coadunando com a formação de sujeitos conscientes, críticos, ativos nas e com relações entre seres humanos e seres humanos, seres humanos e sociedade, seres humanos e mundo. Vislumbrando assim, um ideário de vida em prol da coletividade, na busca de soluções para os problemas emergentes nas esferas social, econômica e política.

**Palavras-chaves:** Educação Ambiental; Literatura; Estética Ambiental.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de um diálogo inicial entre as discussões realizadas durante a realização da pesquisa intitulada “O TEATRO OPERÁRIO EM RIO GRANDE COMO EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO - FORMAL: RELAÇÕES DE GÊNERO NA REPÚBLICA VELHA NA OBRA “AMOR E OURO”, <sup>4</sup>desenvolvida a nível de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande/FURG, e alguns dos pressupostos do campo da Educação Ambiental, a partir das quais propõem-se pensar a literatura a partir de sua dimensão estética. Portanto, intencionamos realizar uma breve reflexão sobre a relevância da literatura no processo educativo dos sujeitos, em especial no que se refere a educação não formal.

---

<sup>1</sup> Mestre em História. Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: [sabrinameirelles@hotmail.com](mailto:sabrinameirelles@hotmail.com).

<sup>2</sup> Pedagoga. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental PPGEA/FURG; Bolsista CAPES; E-mail: [ms.pamelasaraiva@gmail.com](mailto:ms.pamelasaraiva@gmail.com).

<sup>3</sup> Pedagoga, Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG); Professora do Instituto de Educação e do PPGEA/FURG; Universidade Federal do Rio Grande (FURG); e-mail: [narjaramg@gmail.com](mailto:narjaramg@gmail.com).

<sup>4</sup> Dissertação defendida em março de 2015, sob a orientação do Prof. Dr. Daniell Porciuncula Prado.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

A crise socioambiental que se tem consolidado ao longo da trajetória humana, mais marcadamente a partir da Revolução Industrial, e que conforme aponta autores como LEFF (2010) é também uma crise da racionalidade e do conhecimento, tem posto diante a Educação Ambiental uma tarefa desafiadora: construir novos valores e ideias, a fim de que os sujeitos sejam capazes de superar o modelo vigente de sociedade, responsável pela degradação da natureza e das relações entre os seres humanos e não humanos. O processo de produção do conhecimento que passou a prevalecer após a modernidade fragmentou as relações, desgarrou o ser humano da realidade, da natureza e da coletividade (MARIN, 2007).

Sendo assim, se faz cada vez mais urgente um processo educativo que possibilite os sujeitos para que estes sejam agentes de transformação social, (re) estabelecendo valores mais humanos e éticos, em prol de uma vida satisfatória para todos os seres que compartilham deste planeta.

Concordando com Boof (2012), quando salienta que:

Os processos educacionais estão profundamente articulados com os modos de constituição de nós mesmos neste tempo em que vivemos. Esta construção acontece nas relações que estabelecemos com o mundo, com a natureza e com as outras pessoas. (BOOF, 2012, p.37)

Ao abordar o papel da educação na sociedade PIMENTA (1996) arrazoa que o trabalho docente visa contribuir no processo de humanização dos sujeitos, sendo a escola o *locus* privilegiado deste processo. No entanto, o espaço escolar, ou a educação formal, não é o único espaço onde se desenvolvem os processos educativos, sendo estes estabelecidos em todas as relações sociais que se desenvolvem nos mais variados contextos.

A Educação Ambiental surge como uma resposta à crise socioambiental e a urgência de uma educação mais humana e sensível, e propõem a constituição de sujeitos aptos a exercer plenamente sua cidadania, para um agir coletivo e autônomo, estabelecendo relações sociais harmônicas entre si e natureza. É, portanto, uma educação política, de caráter emancipatório, que busca transformar radicalmente as relações que vivenciamos hoje em nosso ambiente. A EA apresenta-se enquanto prática educativa como um

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

movimento de resistência aos paradigmas dominantes sociais, visando a superação dos problemas socioeconômicos e ambientais.

É, segundo Guimarães

[...] uma dimensão do processo educativo voltada para a participação de seus atores, educandos e educadores, na construção de um novo paradigma que contemple as aspirações populares de melhor qualidade de vida socioeconômica e um mundo ambientalmente sadio (1995, p.14).

É uma proposta de educação crítica-reflexiva, que objetiva a formação de sujeitos capazes de ler e interpretar o mundo, em uma relação de diálogo entre diversas vozes e sujeitos, e o agir neste, em prol da construção de sociedades pautadas em relações sociais éticas e solidárias. Apresenta-se como um território de múltiplos saberes e atores sociais, que visa propiciar as condições para a ruptura com o modelo de sociedade dominante, na qual a fragmentação moderna do saber científico tem impossibilitado a resolução efetiva dos problemas atuais, os quais afetam a vida de todos os seres que habitam a Terra, tornando o projeto de uma sociedade saudável inviável.

No entanto, tem se percebido que apesar dos discursos alarmantes e das tentativas de demonstrar a urgência de se repensar os moldes da sociedade vigente, acerca das condições socioambientais e dos inúmeros desafios que esta crise impõe, muito poucas mudanças efetivas se têm concretizado nas práticas cotidianas. Conforme aponta Marin “(...) a educação, que há tantos séculos, nos dá o entendimento das coisas, não tem sido capaz de nos mobilizar em prol de nossa própria história.” (2007, p. 110).

Somente o conhecimento científico, difundido em especial nas instituições escolares, não têm dado conta no processo de compreensão da realidade e do envolvimento dos sujeitos com sua própria história. Outros saberes precisam ser incorporados a fim de se dar conta da complexidade das experiências humanas. MARIN (2007) vai apontar que faltam dois exercícios fundamentais para a condição ética: a criticidade e a sensibilidade, e que impõe a educação o desafio de “retomar o sentido do ser humano integral.”

Neste sentido, Boof (2012), aponta que:

A ecologia integral procura acostumar o ser humano com esta visão do global e holística. O holismo não significa a soma das partes, mas a

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

captação da totalidade orgânica - una e diversa em suas partes, e está sempre articuladas entre si dentro da totalidade e constituindo essa totalidade. (BOOF, 2012, p.33).

Portanto, se faz necessário trabalhar com os seres humanos e a sociedade a partir da sua totalidade, envolver tudo e todos no sistema de contextos emergentes, compreender que tudo está interligado dentro da sociedade. Neste sentido, a criticidade e a sensibilidade vai corroborar para a construção de uma sociedade coletiva, onde, os problemas sociais, econômicos e políticos são entendidos como pertencentes a todos.

Sendo assim, a educação ambiental não pode prescindir de desenvolver a dimensão estética, investir na educação das sensibilidades, visto que estas dimensões são potencializadoras de transformações subjetivas, capazes de possibilitar a construção de novos valores, ideias e ações, mais humanas e éticas. A dimensão estética deve abranger o cotidiano dos sujeitos e da vida, toda sua realidade circundante, onde se encontra o conjunto das relações sociais, o contexto no qual está inserido.

Segundo SILVEIRA (2015) a Educação Estética apresenta entre seus objetivos a busca pelo desenvolvimento integral do ser humano, abarcando suas mais variadas dimensões do ser, promovendo sua capacidade de percepção emocional da realidade. O fundamento estético está relacionado aos valores éticos, ambientais, culturais, políticos, enfim, a todas as dimensões humanas do viver.

Corroborando com tal ideia Dolci e Molon (2015) apontam como questão central à Educação Estética a ampliação dos sentidos humanos, sendo esta fundamental para o desenvolvimento e constituição da Educação Ambiental. As autoras defendem a Educação Estético - Ambiental, pois esta “(...) considera essencial o movimento sócio-histórico dos sujeitos e as vivências concretas dos mesmos.” (p.75), propondo um repensar as ações em busca de novos valores e ações, agindo sob situações concretas, a fim de transformá-las.

Tal educação desenvolve nos sujeitos sentimentos de conexão aos demais seres, um sentimento de pertença ao ambiente no qual se encontram, uma relação sensível e afetiva, e um sentido de compromisso com o bem-estar deste ambiente e dos demais seres que o compõem. Sendo assim, definem Educação Estético-Ambiental como “(...) o processo de desenvolvimento e emancipação das dimensões humanas por meio de experiências

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

significadas em um contexto histórico e social, que propicia a práxis nas relações sociais, políticas e culturais.” (p.75).

Ao pensar a educação das sensibilidades tem-se como principal referencial a perspectiva teórica de Duarte Jr. (2001), para o qual a educação do sensível vai além de um treino dos sentidos humanos – tato, visão, olfato, paladar, audição – para citar os básicos, sentidos estes que segundo o referido autor “(...) são a janela de comunicação do nosso corpo com o mundo exterior.” (p.63). Envolve a consolidação de uma base mais ampla e sólida para a criação de saberes abrangentes e integrados, que se fazem presentes da vida diária até as relações mais complexas.

Segundo o mesmo autor o saber sensível, aquele que advém das experiências comuns do cotidiano, é o fundador dos demais conhecimentos, e este processo de humanização culmina no “(...) desenvolvimento da sensibilidade estética e do seu relacionamento estético com a realidade circundante” (p.63). Sendo assim, é necessário que a educação se invista de visão crítica e experiências sensibilizantes, que desenvolva métodos para despertar nos educandos sua dimensão sensível, mostrar ao ser humano as forças que alienam e submetem suas sensibilidades, e a capacidade de emancipar-se (MARIN, 2007).

Entre as muitas manifestações culturais capazes de desenvolver as sensibilidades, a literatura apresenta-se como uma potente ferramenta para aguçar os sentidos, desenvolver a criticidade e a criatividade, habilidade essenciais na constituição de sujeitos autônomos e agentes das necessárias transformações sociais. O texto literário, entendido enquanto uma das muitas expressões da cultura humana, produto e produtora de realidades, representações do mundo, podem desvelar aspectos das relações sociais, e das experiências humanas nos mais variados ambientes.

É, conforme arrazoá Barcelos (2007), “tecido por sentimentos e fragmentos do cotidiano”, explorando assim uma das dimensões da educação estética, que é os sentidos e sua relação com as experiências comuns, do dia a dia. Além do mais, a literatura, em seus mais variados gêneros, desperta emoções, desenvolve a criatividade e o lúdico, possibilita a imaginação e a criticidade.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

É uma trama capaz de registrar crenças, valores, conceitos, costumes. Sendo assim, uma poderosa contribuição para a educação das sensibilidades, essencial para a efetivação de em um processo educativo mais amplo, ao qual se propõe a Educação Ambiental.

## **2. A EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES E O LUGAR DA LITERATURA**

A Literatura, como as demais produções artísticas e culturais, proporciona a reflexão sobre as sociedades, sobre os valores e os comportamentos humanos, configurando-se, muitas vezes, como crítica, denúncia e, ainda, como uma proposta de outra forma de organização social, visto permitir o acesso ao vivido, ao mundo das relações entre os sujeitos reais, pois como arrazoa Ferreira (2012)

[...] toda a ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem (p.12).

A literatura se apropria do real e o reconfigura, contendo fragmentos da sociedade na qual foi produzida., permitindo repensar e problematizar questões atinentes ao fazer e sentir humanos, bem como as relações que este estabelece em seus ambientes. A partir de suas narrativas coloca em evidência questões atinentes às relações humanas, suas aspirações e angústias, desejos e sonhos. Ela tem sido empregada ao longo da história para os mais variados interesses, desde entreter, criticar, difundir novas ideias, fazer pensar, problematizar, informar. A escrita é uma forma de decifrar signos e atribuir sentido às experiências humanas, é mais uma forma de produzir conhecimento, constituindo-se em “um imenso mosaico formado pelos fragmentos da complexidade que são os seres humanos” (BARCELOS, 2007, p.78).

A literatura tem se apresentado como um poderoso recurso no processo educativo, em especial no tocante às ações de educação não formal. Um exemplo disto foi o uso pedagógico da literatura cênica, já com os jesuítas no século XVI. As encenações teatrais estabeleciam modelos e comportamentos sociais em um processo de atribuição de sentidos aos saberes e conhecimentos adquiridos ao longo da experiência humana, que eram

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

interpretados e difundidos em suas manifestações culturais, como a atividade teatral, e materializados em seu texto.

Enquanto um meio educativo objetivava apresentar uma visão da sociedade, uma percepção ressignificada das experiências sociais, possibilitando que os sujeitos se apropriem destas significações e também as reconstruam, dando a elas sentido, com vias a manter uma determinada ordem social, ou, ainda, uma proposta de transformação, habilitando os sujeitos a intervirem na História e na sua realidade. Apresentava uma outra possibilidade de leitura, permitindo o acesso àqueles que não sabiam ler ou não falavam o idioma em que a obra estava escrita.

Pelo potencial educativo e propositivo que o teatro assumiu desde o seu surgimento, ele foi um dos canais utilizados pelas lideranças operárias, mais especificamente no final do século XIX e início do XX, para educar e mobilizar o proletariado para suas resistências diárias ao sistema capitalista, contribuindo para formatar suas consciências de classe e histórica, buscando sensibilizar para as lutas. Na cidade do Rio Grande, que a partir de fins do século XIX começa a sentir as marcas do processo de industrialização e todas as transformações decorridas deste, o teatro assumiu um papel de destaque na educação da classe trabalhadora, bem como de difusor da literatura dramática.

O teatro era encarado pelas lideranças operárias e seus intelectuais como uma eficiente ferramenta na orientação e educação do operariado, fazendo parte de suas estratégias de luta e mobilização política e social, pois consideravam a educação uma via decisiva para a conquista da emancipação humana, e seus agentes empreenderam em suas organizações uma série de atividades de alfabetização, formação educacional e profissional, tanto para os/as trabalhadores/as quanto para suas famílias.

A atividade teatral ganhou destaque entre os/as operários/as, conforme aponta Collaço (2008), principalmente no período que compreende a República Velha, devido ao grande número de analfabetos que compunham suas fileiras, assim como de grande parcela da sociedade do período, o que impossibilitava o acesso às leituras de doutrinação ideológicas de panfletos e jornais operários. Além disso, a composição do operariado brasileiro é apontada como um fator relevante, pois, de acordo com o referido autor, os

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

sujeitos que o compõem “mesmo quando [sabem] ler, são oriundos de povos de longa tradição apenas oral, tanto os brasileiros como os italianos e ibéricos.

Nos decênios do início do século XX, multiplicam-se os teatros operários<sup>5</sup>. A presença de imigrantes assim também é considerada como relevante na configuração destas práticas culturais, que visavam ainda congregar diferentes sujeitos, buscando forjar um sentimento de pertença e uma identidade. Dessa forma, o teatro era a maneira mais eficiente para se atingir a consciência desses/as trabalhadores/as e sensibilizá-los/as para uma causa em comum.

Quanto a este aspecto, Silveira (2001), salienta que o teatro era um facilitador para a transmissão e assimilação das mensagens, visto que sua linguagem não requer que o público domine a palavra escrita, possibilitando que pessoas analfabetas recebam formação política e ideológica independente de seu grau de instrução formal. Ademais, o acesso aos livros era limitado, pois, além do alto custo das obras para os baixos salários dos/as operários/as, a maioria das obras de orientação teórica não contava com traduções em português.

Além disso, devido à rotina exaustiva de trabalho nas fábricas e demais ocupações, restava pouco tempo aos/as trabalhadores/as para se dedicarem à leitura e aos estudos. O teatro, dessa forma, aliava-se à educação e ao lazer, atingindo um número considerável de pessoas.

O principal gênero literário encenado nas peças teatrais era o dramático, o que pode ser justificado pela característica do drama, o qual apresentava uma relação mais próxima com os conflitos individuais ou coletivos, seus/suas personagens e seus conflitos, desejos, angústias e sonhos eram muito próximos aos sujeitos reais, e as situações encenadas nos palcos e nas páginas da literatura cênica podiam ser encontradas nas ruas, nas fábricas, nos lares, enfim, nas mais variadas situações cotidianas. O drama se caracteriza, ainda, pela figura do herói ou heroína, que interage com todos os obstáculos, encaminhando-se a um crescente clímax, no qual as contradições são superadas.

---

<sup>5</sup> Entende-se teatro operário como as encenações teatrais realizadas pelas entidades classistas, e que apresentavam em seu repertório temáticas de cunho social, ou de luta, como as que abordavam as relações familiares, as relações de trabalho, as mazelas sociais e a exploração capitalista.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Desta forma, a literatura dramática e sua encenação atingia de forma mais forte as subjetividades e os sentidos dos sujeitos. Entre as muitas produções literárias que foram encenadas nos palcos da União Operária destaca-se aqui, para fins da reflexão proposta neste artigo, a obra intitulada Amor e Ouro, publicada em 1906, de autoria da militante literária Guizzardi, a qual atuou ativamente na educação e sensibilização do operariado da cidade de Rio Grande. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a Análise de Conteúdo, conforme apresentada por Bardin (2011) e Moraes (2014).

### **3. AMOR E OURO: EDUCANDO PARA AS SENSIBILIDADES**

Guizzardi (1906) foi uma militante libertária que atuou na cidade de Rio Grande nos anos iniciais do século XX, escrevendo artigos na imprensa operária, dramas e encenando peças teatrais de cunho social, e ainda atuando como professora de língua italiana. O prefácio de sua obra Amor e Ouro (1906), escrito por outra destacada intelectual riograndina, Revocata Heloisa de Melo, deixa entrever que a militante atuava de forma contundente na educação e conscientização do operariado local, e em seus escritos a crítica ao sistema capitalista e ao patriarcado é fortemente presente.

Fundamentada por seu ideário libertário Guizzardi denunciava o papel da Igreja e da família patriarcal na opressão feminina, a exploração dos trabalhadores pelo sistema capitalista industrial, as mazelas sociais decorrentes da apatia e indiferença, bem como a opressão a qual estavam submetidas muitas mulheres, até mesmo dentro das entidades da classe operária, que embora tivessem um discurso de ruptura com a sociedade burguesa, em muitos aspectos repercutiam seus valores e modelos.

A obra Amor e Ouro (1906) é um drama social em três atos, que retrata um casamento arranjado por interesse entre uma moça rica e um industrial, com a interferência direta de um padre. A obra faz um deslocamento do mundo do trabalho para a vida familiar, o que possibilitou a Guizzardi (1906) problematizar as relações entre homens e mulheres e os modelos de feminino e masculino vigentes na sociedade, bem como denunciar a dominação patriarcal. Além disso, abordou, ainda que brevemente, algumas questões referentes à pobreza e à exploração do sistema capitalista e as apresentou como

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

uma produção cultural, buscando sensibilizar os sujeitos e propor uma transformação social.

Ainda que de início os modelos de feminino e masculino presentes na obra e veiculados pela encenação estejam em harmonia com a mentalidade da época (e não poderia ser de outra forma, pois, por mais que se tenha uma visão à frente do seu próprio tempo, os sujeitos não podem fugir ou negar por completo seu contexto social), é possível perceber que ao longo do enredo os/as personagens vão se transformando, vão assumindo novas posturas, tomando consciência de suas ações e decisões, refletindo sobre sua condição humana e social. Partindo do enredo e de seu desenvolvimento na encenação teatral a militante objetivava muito mais que proporcionar momentos de lazer, mas ainda problematizar as questões cotidianas dos sujeitos, suas relações de trabalho, familiares, questões as quais perpassa a todas as classes sociais, e propor novas formas de ser e estar no mundo. Usava da arte e das letras para educar os sentidos, tocar as mentes e os corações, e possibilitar a discussão e o repensar das ações coletivas e individuais.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O potencial das artes em geral, e da literatura em especial, há muito vem sendo amplamente utilizado por educadoras e educadores, sejam estes atuando na educação formal ou não-formal. O texto literário se presta a diferentes leituras e embora esteja datado, o alcance de suas ideias não se limita a um tempo e contexto específico. Sob tal perspectiva os textos literários emitem significados, estão prenhes de sentidos e representações de mundo, e desta forma podem tocar o íntimo dos sujeitos, visto que partem da realidade, das experiências vividas por outros seres humanos, em suas relações como demais seres em seus ambientes. O texto literário se constitui enquanto um espaço de diálogo entre nós e os “outros”, pois embora esteja datado e contextualizado historicamente, cada leitura é uma recriação da obra podendo ser lida de formas diferentes, muitos anos após a sua escrita (BARCELOS, 2007). A literatura é, segundo Candido (2011) um sistema vivo, pois ela é lida e relida por diversos atores sociais, que, a partir de diferentes contextos e realidades, darão a ela um novo significado, muitas vezes além

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

daquele pretendido pelo seu autor, já que essa relação autor/obra/público é uma engrenagem dinâmica.

Um processo educativo que efetivamente possibilite um diálogo entre os diferentes sujeitos e que seja significativo precisa falar aos sentidos, tocar as sensibilidades, para que assim possa ser uma fonte de experiências, no sentido de que nos fala Larrosa (2002): “É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.” (p. 26).

Sendo assim, uma educação ambiental que busque a integralidade do ser humano, preocupada com todas as suas dimensões, que objetiva habilitar os sujeitos para viverem em seus ambientes de forma saudável e feliz, deve levar em conta a dimensão estética na educação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da instrução pública no Brasil (1500-1889)**. Tradução Antonio Chizzotti. São Paulo: EDUC; Brasília: MEC/INEP, 1989.

ARRUDA, Marina Patrício de; ANDRADE, Izabel Cristina Feijó de; LIMA, Lucia Ceccato de. Educação para inteireza e ambientalização curricular: diálogos necessários sobre matrizes curriculares dos cursos de graduação. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande**, v. 33, n. 3, p.55-71, dez. 2016. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/5739>. Acesso em: 04 mar. 2017.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília: Editora UNB, 1996. DALBOSCO, Claudio A. (Org.). **Filosofia Prática e Pedagogia**. Passo Fundo Ed da: UPF, 2003.

BARCELOS, Valdo H. L. “Escritura” do mundo em Octavio Paz: uma alternativa pedagógica em educação ambiental. In: SATO, Michele. CARVALHO, Isabel C. (Orgs). **Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. P. 77 – 97.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BOOF, Leonardo, 1938. **As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral** / Leonardo Boof. - Rio de Janeiro: Mar de Ideias: Animus Anima, 2012.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2002, n.19, p.20-28. Disponível em : [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-2002000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-2002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt) . Acessado em: 28/8/2018

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade – Estudos de Teoria e História Literária**. 12.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COLLAÇO, Vera Regina M. As Intencionalidades didáticas do teatro para o trabalhador. In: XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom. **Anais**. Disponível em: [www.anpuhsp.org.br/sp/downloads](http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads) Acesso em: 12 nov. 12

DOLCI, Luciana Netto; MOLON, Susana Inês. Educação Estético-ambiental na produção científica de dissertações e teses no Brasil. **Revista Ambiente e Educação**. Vol. 20, n.2, p.65-80, 2015.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos – a educação (do) sensível**. 3ª edição, Curitiba: Criar Edições, 2001.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKI, Carla Bassanezi. **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 61-92.

GUIMARÃES, Mauro. **A Dimensão Ambiental na Educação**. Campinas, São Paulo: Ed.Papirus, 1995.

GUIZZARDI, Agostina. **Amor e Ouro**. Rio Grande, 1906.

LEFF, Enrique. **Discursos sustentáveis**. trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2010.

MARIN, Andreia Aparecida. Ética, Estética e Educação Ambiental. **Revista de Educação PUC-Campinas**. N.22, 2007, p. 109-118. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/198> Acesso em: 11/09/2018

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, v. 9, n. 2, pp. 191-211, 2003. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf) acessado em 06/08/2014.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor. **Revista Faculdade de Educação**. V.22, n.2, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33579> Acesso em: 10/09/2017.

SILVA, Dayane dos Santos. **Ambientalização Curricular em cursos de Ciências Biológicas: o caso da Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba**. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Estadual Paulista, Araraquara, 2016. Disponível em:  
[www.repositorio.unesp.br/handle/11449/144352](http://www.repositorio.unesp.br/handle/11449/144352). Acesso em: 21 fev. 2017.

SILVEIRA, Marcos César Borges. O teatro operário em Rio Grande na época das primeiras chaminés (1900-1920). In: ALVES, Francisco das Neves (Org.) **O mundo do trabalho na cidade de Rio Grande**. Rio Grande: FURG, 2001. p.57-85.

SILVEIRA, Wagner Terra. **O Fundamento Estético na Educação Ambiental Transformadora**. 1ª edição, Curitiba: Appris, 2015.

Recebido em novembro de 2018.  
Aceito em dezembro de 2018.